

Primeira Infância e Internet: Dados, Evidências e Redes no avanço de uma agenda para o cuidado

Proponentes e co-proponentes:

Nome: Instituto Alana e Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR)

Tipo (pessoa ou organização): Organização; Organização;

Setor (empresarial, governamental, terceiro setor, comunidade científica e tecnológica); Terceiro setor & Comunidade Científica e Tecnológica

Participantes

Palestrantes, moderador(a) e relator(a):

Moderador: Winston Oyadomari – CETIC.br/NIC.br (comunidade científica e tecnológica): Bacharel em Administração Pública pela FGV-SP. Pesquisador no Cetic.br, onde lidera o Laboratório de Inovação Metodológica. Ampla experiência em metodologia de pesquisas e estudos nas áreas de Inclusão Digital, Conectividade Significativa, Privacidade e Proteção de Dados, Transformação Digital e Governança de Internet.

Relatoria: Júlia Fernandes de Mendonça – Instituto Alana (terceiro setor): Advogada. Bacharela e Mestre em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Advogada no Instituto Alana, Programa Criança e Consumo e Eixo Digital. Ex-presidente fundadora do Laboratório de Inovação e Direitos Digitais da UFBA (LABID²). Atuou como Pesquisadora na Data Privacy Brasil e como Consultora na Coalizão dos Direitos na Rede (CDR).

Andressa Reis – Criadora de Conteúdo e Influenciadora (empresarial): Mulher preta, criadora de conteúdo ,escritora, mãe do Pedro, da Maria e do Caetano. Autora do livro infantil “Da cor que eu sou”. Embaixadora da loja "Forte como uma mãe" . Produção de conteúdo para pais e responsáveis da 1ª Infância.

Dênis Rodrigues da Silva – Secretária de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) (governamental): Formado em História pela USP, é especialista pelo Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos do MERCOSUL e pelo Afro-Latin

American Research Institute da Universidade de Harvard. Servidor federal da carreira de Desenvolvimento de Políticas Sociais, atualmente é Coordenador-Geral de Proteção de Direitos da Rede na Secretaria de Políticas Digitais da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

Giana Bitencourt Frizzo – UFRGS (comunidade científica e tecnológica): Psicóloga, especialista em terapia de casal e família pelo Instituto da Família de Porto Alegre, Mestre Doutora e Pós-Doutora em Psicologia (UFRGS). É Professora no Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e Personalidade e no Pós-graduação em Psicologia da UFRGS. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças - NUFABE e do Centro de Atendimento Pais-bebê.

João Victor – Juventude das Ilhas (terceiro setor): Sou João Victor, Adventista do Sétimo Dia recentemente eleito conselheiro jovem do UNICEF. Membro do Comitê Popular de Mudanças Climáticas, coordeno a Juventude das Ilhas pelo Fórum de Desenvolvimento Sustentável das Ilhas e atuo como voluntário na Cooperação da Juventude Amazônica para o Desenvolvimento Sustentável.

Estruturação do workshop

Objetivos e resultados (propostos e atingidos):

Objetivos propostos e atingidos:

(i) Integração de perspectivas multissetoriais para entender os impactos da internet na primeira infância (0-6 anos), fase crucial no desenvolvimento sociopsíquico

1. Atingidos: Foram mobilizados conhecimentos de áreas e especialidades distintas para compreender melhor a fase da primeira infância e os impactos gerados pela internet. Nesse sentido, o debate promovido no painel trouxe muitas perspectivas, as quais caminharam para a necessidade de reforçar, por exemplo, as alternativas para o uso de telas e a escuta ativa das crianças como princípio de formulação para políticas públicas.

(ii) Realizar uma análise inédita de uma série histórica de 10 anos de dados e indicadores nacionais, permitindo que painelistas e a plateia ofereçam insights sobre a relação entre tecnologia e primeira infância, com dados quantitativos e qualitativos.

1. Atingidos: A análise pretendida foi realizada, sobretudo por meio da verificação dos dados da pesquisa TIC Domicílios e Kids Online, além do estudo Estatísticas TIC para crianças de 0 a 8 anos de idade. Nesse sentido, foram tecidos comentários acerca dos impactos na primeira infância e insights a partir das constatações oferecidas.

(iii) Apoiar o mapeamento de reflexões sobre o uso de smartphones e plataformas digitais por crianças pequenas, além de analisar o impacto das políticas de proibição

do uso de smartphones em escolas, conectando esses temas com discussões emergentes. e (iv) Contribuir para políticas e planos em curso, como o Plano Nacional da Primeira Infância e a Estratégia Brasileira de Educação Midiática, conectando o debate sobre governança da Internet com a peculiaridade do desenvolvimento infantil.

1. Atingidos: O painel trouxe apoio significativo para as reflexões ensejadas, sobretudo em virtude de sua discussão integrada e multissetorial. A presença de pais, especialistas em tecnologia, psicólogos, dentre outros profissionais enriqueceu o debate e contribuiu para políticas e planos em curso.

(v) Sistematizar contribuições multissetoriais que possam apoiar a criação de novas redes, pesquisas e o mapeamento de prioridades na agenda de proteção à infância no ambiente digital.

1. Atingidos: Através da diversidade de participações e interações com o público, por meio de perguntas, foi possível estabelecer laços e conexões fundamentais para apoiar a criação de redes de pesquisa relacionadas ao tema do painel.

Resultados

No tocante aos resultados pretendidos, pode-se dizer que o painel alcançou a maioria deles. Com especial ênfase, deve-se pontuar que foi feita a sistematização tanto dos conhecimentos existentes quanto de pessoas de referência no estudo do uso de TICs por crianças de 0 a 8 anos. Essa sistematização encontrou *locus* em uma [biblioteca virtual compartilhada](#), como já foi mencionado neste documento. Ademais, tratou de criar um quadro de riscos e oportunidades associados ao uso de tecnologias na primeira infância.

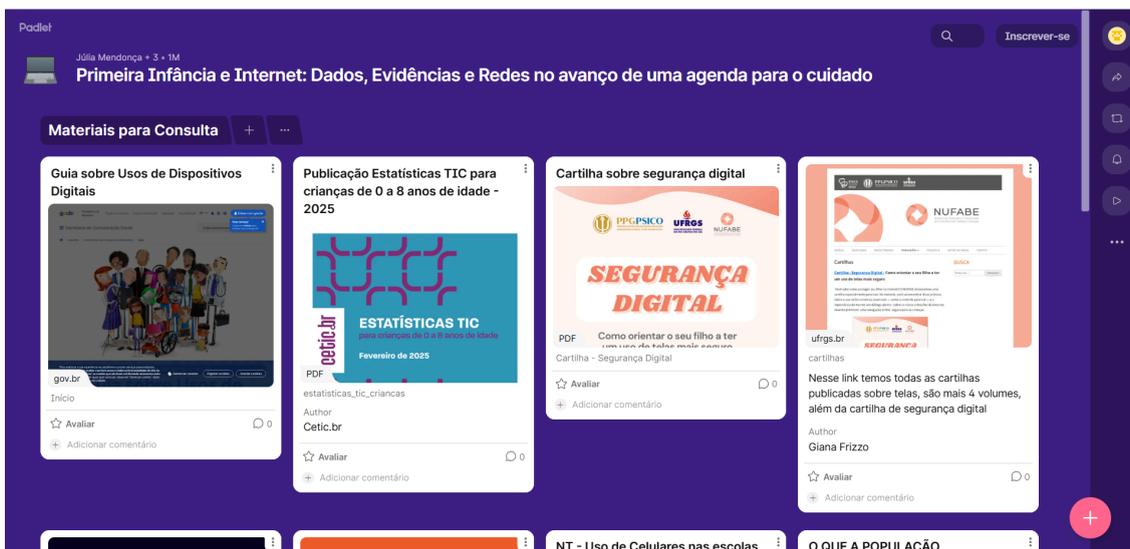


Imagem 01

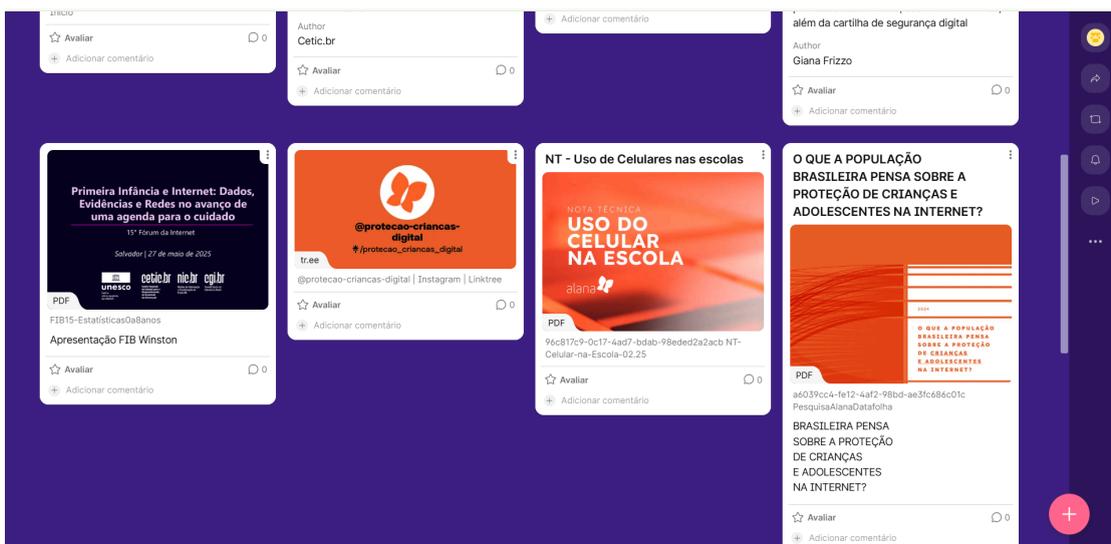


Imagem 02

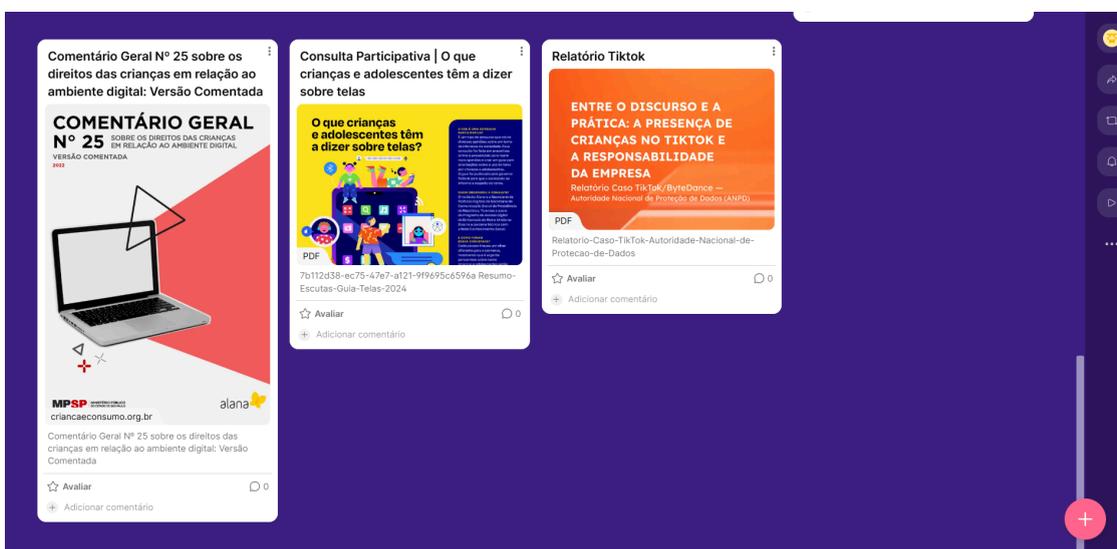


Imagem 03

Justificativa em relação à governança da Internet:

A fase da primeira infância, que abrange dos 0 aos 6 anos, representa um momento decisivo para o desenvolvimento biológico, cognitivo e social dos seres humanos. Nesse viés, faz mais que sentido que existam preocupações no tocante à forma que as interações iniciais com a Internet e dispositivos móveis podem influenciar na formação das crianças. Frente à essa perspectiva, vêm ganhando força, nacional e internacionalmente, as discussões sobre: (a) os efeitos dos smartphones no desenvolvimento infantil; (b) estratégias para reduzir os riscos enfrentados por crianças em um contexto digital cada vez mais presente; e (c) o papel potencial dos smartphones no ambiente escolar.

Dado esse contexto, o painel atendeu à urgência de se discutir formas de garantir a proteção integral da primeira infância no ambiente digital. Nesse viés, foi no sentido de reconhecer dispositivos como o Marco Legal da Primeira Infância, normativa

que enfatiza o dever do Estado de formular políticas públicas que promovam o desenvolvimento integral dessa população.

O painel também representa um marco na governança da internet no Brasil, posto que em 12 edições anteriores do Fórum da Internet no Brasil (FIB) não foi registrado nenhum painel voltado especificamente a essa temática, um sinal claro da sub-representação dessa faixa etária e da ausência de preocupação específica com a primeira infância. Com isso em mente, não somente abrindo a discussão mas tratando-a a fundo, o painel apresentou dados inéditos e nacionalmente relevantes sobre o uso da Internet na primeira infância.

Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante a atividade:

A atividade do painel foi dividida em três grandes momentos, sendo o primeiro reservado às falas dos expositores e o segundo voltado às demandas e caminhos concretos para o cuidado digital na primeira infância. O terceiro momento, por sua vez, foi reservado para perguntas, esclarecimentos e considerações finais. Ademais, foram utilizadas, para engajamento do público, uma gama de ferramentas dentre as quais consta a biblioteca virtual¹ temática do painel, disponibilizada na plataforma Padlet.

Em resumo, acerca das falas trazidas no primeiro momento do painel, temos que Winston iniciou a discussão apresentando dados das pesquisas TIC Domicílios e Kids Online, com foco na expansão do acesso à internet por crianças de 0 a 8 anos, revelando um crescimento significativo. Esse crescimento deve ser analisado de forma contextualizada, considerando tanto dinâmicas de uso de tecnologia pelas famílias quanto tendências de aumento de conectividade e multiplicidade de dispositivos nos domicílios na última década..

Posteriormente, Andressa Reis, escritora e criadora de conteúdo sobre maternidade, compartilhou sua vivência como mãe e comunicadora, relatando angústias frequentes entre as famílias. Nessa toada, Denis Rodrigues apresentou a linha de trabalho desenvolvida pela SECOM na construção do Guia de Telas, que traz uma série de orientações para famílias sobre como cuidar da interação de menores com essas tecnologias.

Adicionando ao debate, Giana Bitencourt, psicóloga e professora da UFRGS, trouxe evidências científicas sobre o impacto do uso de telas na primeira infância, incluindo riscos do uso precoce e a necessidade de tempo distante de telas e mediação adulta para uso de tecnologias.

Por fim, mas não em menor importância, o conselheiro Jovem da UNICEF, João Victor, compartilhou sua vivência como jovem ativista e refletiu sobre sua entrada precoce no ambiente digital. O painalista apontou como a internet foi essencial para sua mobilização e visibilidade como ativista, mas o ambiente digital é contraditório: ao mesmo tempo em que oferece apoio, também promove ódio que atinge, especialmente,

¹<https://padlet.com/fmendoncajulia/primeira-inf-ncia-e-internet-dados-evid-ncias-e-redes-no-ava-p03c680z9p5b1vwp>

crianças e adolescentes ativistas, que trabalham com o engajamento público na defesa de agendas políticas.

É relevante destacar que a presença de João Victor, foi de fundamental importância para o painel, pois possibilitou romper com uma lógica adultocêntrica e reafirmar o direito de crianças e adolescentes de participarem ativamente dos debates que lhes dizem respeito. Sua fala não apenas trouxe uma perspectiva concreta de sua vivência sobre os impactos da tecnologia em sua trajetória como jovem ativista, mas também evidenciou a complexidade do ambiente digital, que pode ser simultaneamente espaço de potência e de vulnerabilidade. Ao ocupar um espaço de fala qualificado, João ampliou o alcance das reflexões do painel, contribuindo para que os caminhos propostos para o cuidado digital na infância e adolescência fossem construídos com base em uma escuta intergeracional genuína. Sua participação reforça o imperativo de incluir as juventudes nos processos decisórios, não como objeto de proteção isolada, mas como sujeitos políticos cujas experiências e opiniões são indispensáveis à formulação de políticas mais justas, inclusivas e eficazes.

No tocante ao aproveitamento do ambiente digital por crianças – para que não restassem mais dúvidas – Júlia Mendonça, do Instituto Alana, inseriu as considerações da pesquisa qualitativa de escuta de crianças desenvolvida pela organização em parceria com o LabGRIM. Tal intento trouxe frutos, especialmente no tocante à compreensão de que (i) crianças pequenas já compreendem lógica digital e usam múltiplos dispositivos; (ii) há um acesso desigual de dispositivos e diferenciação em qualidade de conexão; (iii) jogos como o Roblox são mais citados que redes sociais, indicando certas mudanças na dinâmica de uso infantil.

No segundo momento, os participantes apresentaram propostas concretas para o cuidado digital da primeira infância. João Victor apontou a falta de preparo das plataformas e sugeriu educação digital, acolhimento psicológico e responsabilização das empresas. Giana Bitencourt defendeu a mediação consciente do uso de telas, criticou o uso do celular como calmante e destacou a importância do brincar offline e do tédio para a criatividade. Denis Rodrigues reforçou que a prioridade absoluta da criança se aplica ao ambiente digital, mencionou a responsabilidade das empresas e a elaboração da Política Nacional da Primeira Infância, além de defender a escuta ativa das crianças. Já Andressa Reis ressaltou a necessidade de políticas públicas que ofereçam alternativas às telas, compartilhou práticas familiares e defendeu o apoio coletivo no cuidado com as crianças.

Ao final, as perguntas fecharam a discussão com resoluções importantes, como o reforço ao fato de que o “tédio” e a autonomia no brincar são essenciais.

Falas dos Expositores

1. Winston Oyadomari – CETIC.br/NIC.br

Apresentou dados das pesquisas TIC Domicílios e Kids Online, com foco na expansão do acesso à internet por crianças de 0 a 8 anos, revelando um crescimento significativo:

- Em 2015, 41% das crianças de 6 a 8 anos usavam internet; em 2024, esse número dobrou para 82%.
- A posse de celulares por crianças de 6 a 8 anos também dobrou em 10 anos, alcançando mais de um terço da população dessa faixa.
- O acesso à internet pela televisão superou o do computador.
- O uso ocorre de forma precoce, com mais de 40% das crianças acessando pela primeira vez até os 8 anos.

Quadro-resumo – Destaques da fala de Winston Oyadomari

Ponto	Destaque
Crescimento do acesso	Crianças estão acessando a internet cada vez mais cedo, com aumento expressivo entre 6 e 8 anos.
Dispositivos	Televisão supera computador como meio de acesso à internet entre crianças.
Preocupações	O avanço do acesso exige contextualização: não é só comemorar o crescimento, mas discutir riscos, cuidados e políticas.

2. Andressa Reis – Escritora e criadora de conteúdo sobre maternidade

Compartilhou sua vivência como mãe e comunicadora, relatando angústias frequentes entre as famílias:

- A maior dúvida: “Quanto tempo de tela é seguro?”.
- Dificuldade das famílias em aplicar as recomendações da OMS devido à falta de apoio social.
- As telas funcionam como “rede de apoio” para mães sobrecarregadas.
- Alternativas precisam ser coletivas, com políticas públicas que ofereçam espaços de lazer e suporte comunitário.

Quadro-resumo – Destaques da fala de Andressa Reis

Ponto	Destaque
Inquietações das famílias	Dúvidas sobre tempo de tela e culpa individualizada são recorrentes.
Condições materiais	Falta de infraestrutura e rede de apoio tornam o uso de telas inevitável para muitas famílias.
Reivindicação	Políticas públicas para ambientes acolhedores e seguros são fundamentais.

3. Denis Mizne – Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM)

Apresentou o trabalho interministerial na construção do Guia "Crianças e Adolescentes no Ambiente Digital", destacando:

- Produção articulada com sete ministérios e escuta direta de crianças e especialistas.
- O guia denuncia a culpabilização das famílias como discurso das plataformas digitais.
- Afirmou que big techs operam modelos de negócios publicitários que exploram o tempo e a atenção das crianças.
- O guia oferece recomendações para famílias, empresas e governo, com base em evidências científicas.

Quadro-resumo – Destaques da fala de Denis Mizne

Ponto	Destaque
Abordagem governamental	Produção coletiva de diretrizes e políticas para enfrentamento de riscos digitais.
Responsabilidade das plataformas	Design manipulativo e modelos publicitários são centrais no debate.

Escuta de crianças	Crianças e adolescentes participaram ativamente na construção do guia.
--------------------	--

4. Giana Bitencourt – Psicóloga e Professora da UFRGS

Trouxe evidências científicas sobre o impacto do uso de telas na primeira infância:

- A primeira infância é fase crucial para o desenvolvimento da autorregulação emocional e social.
- O uso excessivo pode afetar sono, atenção e hábitos saudáveis.
- Apontou que benefícios só aparecem quando há interação com adultos durante o uso.
- Criticou o uso de telas para acalmar crianças (“colocar celular na cara” não é cuidado).
- Apresentou o conceito de “tecno-interferência” — quando a tecnologia interfere na relação cuidador-criança.

Quadro-resumo – Destaques da fala de Giana Bitencourt

Ponto	Destaque
Riscos do uso precoce	Sono, atenção e hábitos prejudicados com o uso excessivo.
Mediação adulta	Benefícios só ocorrem com presença ativa de adultos.
Autonomia e cuidado	Crianças precisam de tempo ocioso e estímulos não mediados por tela.

5. João Vitor – Conselheiro Jovem do UNICEF e ativista climático

João Vitor compartilhou sua vivência como jovem ativista e refletiu sobre sua entrada precoce no ambiente digital:

- A internet foi essencial para sua mobilização e visibilidade como ativista, mas o ambiente digital é contraditório: ao mesmo tempo em que oferece apoio,

também promove ódio.

- Sofreu ataques e discursos de ódio que afetaram sua saúde mental.
- Alertou para a urgência de políticas de cuidado digital para crianças e adolescentes.
- Propôs educação digital nas escolas, acolhimento psicológico para jovens criadores e responsabilização das plataformas.

Quadro-resumo – Destaques da fala de João Vitor

Ponto	Destaque
Internet como espaço de militância	Ambiente digital oferece oportunidades, mas também riscos emocionais graves.
Impactos do discurso de ódio	Ataques online afetam diretamente a saúde mental de jovens ativistas.
Propostas	Educação digital precoce, acolhimento psicológico e responsabilização das plataformas.

6. Júlia Mendonça – Instituto Alana

Apresentou os resultados iniciais de pesquisa conduzida pelo Instituto Alana em parceria com o LabGRIM:

- Objetivo: escutar crianças de 4 a 6 anos sobre experiências com tecnologia e internet.
- Metodologia incluiu 97 crianças de todas as regiões do Brasil, com recortes de raça, território, PCDs e crianças indígenas.
- Destacou o papel da exclusão digital: crianças relataram falta de energia, celular ou uso compartilhado com adultos.
- O jogo Roblox foi o aplicativo mais citado, mais do que redes sociais.
- Crianças demonstraram já compreender a lógica dos algoritmos e feeds personalizados.

- A pesquisa revelou oportunidades (acesso a informação e diversão), mas também riscos (uso contínuo, privacidade, consumo).

Quadro-resumo – Destaques da fala de Júlia Mendonça

Ponto	Destaque
Voz das crianças	Crianças pequenas já compreendem lógica digital e usam múltiplos dispositivos.
Acesso desigual	Acesso atravessado por vulnerabilidades: energia, dispositivos quebrados, compartilhamento.
Centralidade do jogo	Roblox é mais citado que redes sociais, indicando mudança nas dinâmicas de uso infantil.

Rodada Final: Caminhos Concretos e Propostas Multissetoriais

Na rodada de fechamento, os painelistas responderam à seguinte provocação:

“Quais são as demandas e caminhos concretos que vocês propõem para os stakeholders envolvidos no cuidado digital da primeira infância?”

João Vitor

- Plataformas não estão preparadas para proteger a primeira infância.
- Falta moderação adequada e transparência dos algoritmos.
- Propôs educação digital nas escolas, acolhimento psicológico para jovens criadores e responsabilização das plataformas.

Giana Bitencourt

- Uso de telas deve ser mediado, com prioridade ao olho-no-olho e à interação real.
- Alertou contra o uso da tela como calmante: “colocar um celular no rosto de uma criança para que ela pare de chorar é agressivo”.

- Defendeu o modelo da “ecologia da mídia familiar” ao invés de focar apenas em tempo de tela.
- Apresentou o conceito de “tecno-interferência”, quando o uso das telas compromete a relação cuidador-criança.
- Destacou que o brincar offline, o tédio e o tempo livre são fundamentais para a criatividade infantil.

Denis Mizne

- A Constituição estabelece que a criança é prioridade absoluta — isso se aplica também ao ambiente digital.
- O guia do Governo Federal priorizou recomendações para empresas, por reconhecer sua responsabilidade.
- Lembrou que a Política Nacional Integrada da Primeira Infância está em elaboração com 15 ministérios.
- Defendeu escuta ativa das crianças como princípio de formulação de políticas públicas.

Andressa Reis

- Reforçou a necessidade de políticas públicas que possibilitem alternativas ao uso de telas.
- Compartilhou sua experiência pessoal de limitar o uso à “sessão cinema” familiar duas vezes por semana.
- Ressaltou que o tempo sem tela não precisa ser preenchido: o tédio é necessário para a criatividade.
- Disse: “não sejamos alecrins dourados isolados, precisamos de apoio coletivo para cuidar das nossas crianças”.

Rodada de Perguntas do Público

Pergunta 1 – Laura, de Belém do Pará

Como lidar com o uso de telas como “babá” por mães de baixa renda e mães de crianças neurodivergentes?

Resposta – Giana:

- A literatura reconhece esse uso como uma realidade.
- Importante reforçar que o “tédio” e a autonomia no brincar são essenciais.
- A ausência de rede de apoio e políticas públicas reforça esse uso.

Resposta – Denis:

- O Governo Federal tem priorizado o diálogo com famílias em situação de vulnerabilidade.
- Parceria com o MDS/Cadastro Único para levar comunicação e cuidados digitais a famílias do Bolsa Família.

Pergunta 2 – Participante anônimo

Como enfrentar o descompasso entre a orientação contra telas na primeira infância e o modelo de ensino gamificado com plataformas digitais nas escolas?

Resposta – Giana:

- Ainda há poucos estudos sobre os impactos dessas plataformas.
- Falta educação digital dentro das escolas para ensinar como usar as telas pedagogicamente.
- O uso nas escolas precisa ser repensado para além do acesso.

Resposta – Denis:

- O MEC está trabalhando com a SECOM na construção de diretrizes para educação digital crítica.
- Há uma caravana nacional relançando o Guia de Telas junto com o CNE.

Encerramento

A mediação agradeceu aos participantes e ao público, destacando que:

- Esta foi uma das primeiras mesas do FIB com foco exclusivo na primeira infância.

- O tema é urgente e requer ação coordenada entre governo, famílias, empresas, sociedade civil e academia.
- O evento disponibilizou recursos e relatórios via QR Code e biblioteca colaborativa digital (Padlet).

Síntese dos debates

TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO	PONTOS A APROFUNDAR
Posicionamento ▾	Crescimento do acesso à internet por crianças de 0-8 anos	Consenso ▾	O avanço do acesso exige contextualização: nem comemorar, nem repudiar este crescimento, mas discutir riscos, cuidados e políticas.
Posicionamento ▾	Quanto tempo de tela é seguro?	Dissenso ▾	Necessidade de orientação às famílias sobre o tempo de tela <i>versus</i> Compreensão de que é difícil um consenso quanto ao tempo de tela adequado levando em conta fatores contextuais.
Posicionamento ▾	Condições materiais	Consenso ▾	Falta de infraestrutura e rede de apoio tornam o uso de telas inevitável para muitas famílias.



TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO	PONTOS A APROFUNDAR
Proposta ▾	Abordagem governamental	Consenso ▾	Produção coletiva de diretrizes e políticas para enfrentamento de riscos digitais.
Posicionamento ▾	Responsabilidade das plataformas	Consenso ▾	Design manipulativo, modelos publicitários e proteção adequada de crianças e adolescentes vítimas de ataques e discurso de ódio são centrais no debate.
Posicionamento ▾	Tecno-interferência	Consenso ▾	Analisar até onde vai esse tipo de interferência e quais os impactos que gera;
Proposta ▾	Exclusão digital	Consenso ▾	Qualidade da conexão e dos aparelhos utilizados para acesso à internet
Posicionamento ▾	Entendimento das crianças	Consenso ▾	Crianças pequenas já compreendem lógica digital e usam múltiplos dispositivos.
Posicionamento ▾	Responsabilidade Compartilhada entre atores	Consenso ▾	Necessidade de discutir caminhos coletivos para as questões levantadas, rejeitando a responsabilização individual das famílias. Sempre partindo da responsabilidade compartilhada estabelecida no artigo 227 da Constituição Federal
Posicionamento ▾	Orientações	Consenso ▾	Fortalecimento e

TIPO DE MANIFESTAÇÃO (POSICIONAMENTO OU PROPOSTA)	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO	PONTOS A APROFUNDAR
	para a mediação parental na primeira infância		construção de orientações mais robustas para a mediação parental da primeira infância com a tecnologia